

O NARRADOR “PINTA” LENIZA COMO “A MULHER” NO ROMANCE MODERNO E NÃO SOMENTE UM SEXO FEMININO

THE NARRATOR "PINT" LENIZA AS "THE WOMAN" IN MODERN ROMANCE AND NOT ONLY A FEMALE

Antonia Gerlania Viana Medeiros¹

Resumo: *Este trabalho tem a pretensão de refletir, por meio do romance A estrela sobe, de Marques Rabelo, como o narrador do romance moderno “pinta” os seus personagens, especificamente, a personagem Leniza. Analisaremos a obra com o olhar comparativo do comportamento de Leniza com o que a sociedade propõe para o sexo feminino. Para tanto, apoiar-nos-emos nos textos de Bakhtin (1998), que trata do gênero romance, Rosenfeld (1996), que mostra como o narrador “pinta” o seu personagem, Goldmann (1976), que apresenta o “herói problemático” do romance moderno, bem como em Ximenes (2009) e Bassanezi (2008), que relatam sobre as características da mulher e sobre o comportamento feminino que a sociedade impõe. Portanto, propomo-nos analisar a personagem Leniza, desde os seus modos, hábitos e anseios descritos pelo narrador, para assim, compreendermos a construção da personagem do romance moderno.*

Palavras-chave: *Romance moderno; narrador; Leniza.*

Abstract: *This work pretends to reflect, through the romance A estrela sobe, of Marques Rabelo, as the narrator of the modern romance “paints” his characters, specifically the character Leniza. We will review the work with comparative look at the behavior of Leniza with what society proposes for females. Therefore, we will support in the writings of Bakhtin (1998), which deals with the romance genre, Rosenfeld (1996), that shows how the narrator “paints” your character, Goldmann (1976), shows that the “problematic hero” of the romance modern and Ximenes (2009) and Bassanezi (2008), who report on the characteristics of women and female behavior that society employs. Therefore, we will consider the character Leniza from their ways, habits and desires described by the narrator, thus, understanding the building of the character of the modern romance.*

Keywords: *Modern Romance; narrator; Leniza.*

1 Introdução

Ao lermos um texto literário podemos compreendê-lo através da vertente de somente uma leitura (sem muitas pretensões) ou, por meio da própria leitura, analisar os discursos literários contidos na obra lida. A linguagem literária nos conduz durante a análise de um texto literário, mostrando-nos não somente a construção dos personagens, mas, principalmente, os elementos que constituem a nossa interpretação.

Os romances modernos demonstram-nos perfeitamente esse tipo de análise a linguagem literária, pois é nessa “novidade”, nessa “proposta moderna” que o romance aparece e refaz o seu conceito, como já colocara Rosenfeld (1996). O romance moderno é “pintado” pela e para a sociedade moderna.

¹ Especialista em Literatura e Estudos Culturais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: gerlania_medeiros@ig.com.br

A obra *A estrela sobe*, de Marques Rebelo, “pinta” a sua personagem *Leniza* com cores e influências de uma cidade que, através das indústrias e do rádio, respira o ar moderno que chega aos trópicos brasileiros. E nesse ambiente dito “moderno” é que a jovem moça se faz conhecer, é que tentamos, assim como o narrador, compreender afinal, o que é que *Leniza* quer?

O nosso objetivo é entender *Leniza* a partir de uma análise que estudará a personagem, o ambiente que está inserida, o próprio romance e sua narrativa. Não poderemos desconsiderar o narrador, esse que tão bem nos apresenta a obra e sua protagonista. Neste trabalho, propomo-nos analisar a personagem principal como “a mulher” e não somente um sexo feminino, tentando mostrar o que faz *Leniza* ser diferente do ser estereotipado da mulher apresentada em alguns romances e na sociedade.

Portanto, considerando a obra objeto de análise ser um romance moderno brasileiro e no intuito de compreender a personagem *Leniza*, desde os seus modos, hábitos e anseios, analisaremos *A estrela sobe* com a perspectiva de apresentar a construção da personagem no texto.

2 Romance moderno e a posição do narrador

Ao estudarmos o gênero romance, sentimos dificuldades para conceituá-lo de maneira que consideremo-lo como algo definido, pronto e acabado. Bakhtin (1998, p. 397) afirma que “o romance é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado”, ou seja, esse gênero ainda está sendo consolidado a cada estudo realizado.

O gênero romance atravessou muitos obstáculos até assumir o posto que tem hoje na literatura, Bakhtin (1998, p. 400) alega que

O romance é o único gênero em evolução, por isso ele reflete mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade [...] é ele que expressa as tendências evolutivas do novo mundo, ele é, por isso, o único gênero nascido naquele mundo e em tudo semelhante a ele. O romance antecipou muito, e ainda antecipa, a futura evolução da literatura.

É possível acompanhar a evolução da sociedade através das histórias narradas e dos romances contados. O romance se “modernizou” em consonância com a sociedade, não foi à toa que esse gênero surgiu em meio aos burgueses e ganhou espaço nas massas, mostrando-se uma literatura capaz de agradar e conquistar a todos.

Goldmann (1976, p. 8), através dos estudos descritos por Lukács, coloca o romance em uma estrutura clássica, pois a “forma de romance que Lukács estuda é a que caracteriza a existência de um herói romanesco por ele definido, com muita felicidade, na expressão *herói problemático*” (grifo do autor). Segue as características das narrativas épicas, no que tange ao herói, no entanto, o herói narrado nos romances é um personagem problemático, não dotado de tantas qualidades, mas que com as suas habilidades se sobressai nas situações. Na nossa análise do romance de Marques Rebelo, encontraremos uma heroína problemática, pois no fim é isso que *Leniza* é.

Segundo Goldmann (1976, p. 10), o herói problemático apresentado nos romances, de acordo com René Girard, está inserido em um “mundo degradado”, o romance chega a ser “a história de uma busca degradada”. O termo “degradado” está relacionado ao desejo metafísico, ontológico.

O romance moderno vai além do que coloca Bakhtin (1998) e Goldmann (1976), pois Rosenfeld (1996), em suas reflexões sobre esse gênero, discute sobre uma visão perspectívica, que supera um olhar único e oferece uma visão com perspectiva, com possibilidades. Segundo o autor, no romance o narrador é quem tem essa visão e o leitor pode vir a ter esse privilégio.

A perspectiva cria a *ilusão* do espaço tridimensional, projetando o mundo a partir de uma consciência individual. O mundo é relativizado, visto em *relação* a esta consciência, é constituído a partir dela; mas esta relatividade reveste-se da ilusão do *absoluto* [...] É uma visão antropocêntrica do mundo, referida à consciência humana que lhe impõe leis e óptica subjetivas. (ROSENFELD, 1996, pp. 77-78).

Assim, não estamos falando de uma realidade narrada em um romance, mas o lúdico, as possibilidades que aquela história proporciona, o que oferece ao seu leitor. Rosenfeld (1996) faz uma analogia em seu texto entre o romance moderno e a pintura moderna, pois ambos apresentam esse “palco perspectívico”.

O romance moderno apresenta-se com a “desconstrução” da ordem cronológica, “os relógios foram destruídos”, coloca Rosenfeld (1996) em seu texto. O autor ainda diz que esse gênero, através de autores como Proust, Joyce, Gide e Faulkner, desfaz “a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro” (ROSENFELD, 1996, p. 80).

Ao olhar de Rosenfeld (1996) o romance moderno é “pintado” pela subjetividade, sem precisar estar demarcado em um tempo que conste no relógio, seguindo sempre a sequência do passado, presente e futuro, bem como é nele que o romance psicológico aparece com mais assiduidade.

O narrador às vezes é dispensado no romance moderno pela própria história e em outras ele se apresenta através da voz no presente, “quer para eliminar a impressão de distância entre o narrador e o mundo narrado, quer para apresentar a ‘geometria’ de um mundo eterno, sem tempo” (ROSENFELD, 1996, p. 92). O narrador se apresenta mais íntimo da narrativa, confundindo-se até com a própria história.

Sobre isso, Rosenfeld (1996, p. 92) diz que

Quanto mais o narrador se envolve na situação, através da visão microscópica e da voz do presente, tanto mais os contornos nítidos se confundem; o mundo narrado se torna opaco e caótico. Vimos que esta “técnica”, se de um lado é causa, de outro lado é resultado do fato de que, conforme a expressão de Virgínia Woolf, a vida atual é feita de trevas impenetráveis que não permitem a visão circunspecta do romancista tradicional.

Dessa maneira, refletimos sobre o romance moderno e o papel que o narrador assume, seja esse no seu posto tradicional – reproduzindo os diálogos e descrevendo o comportamento exterior dos personagens, ou sendo esse narrador que tudo vê, sente e participa.

Rosenfeld (1996) propõe algumas considerações em seu texto *Reflexões sobre o romance moderno*, porém, o que encontramos mesmo são provocações e questionamentos partidos da visão perspectívica das pinturas modernas e encontradas no romance moderno, colocando a discussão acerca do narrador.

Sobre o narrador, Rosenfeld (1996, p. 96) enfatiza ao dizer

Portanto, que a perspectiva tanto se desfaz nos romances em que o narrador submerge, por inteiro, na vida psíquica da sua personagem, como naqueles em que se lança no rodopiar do mundo. Quer o mundo se dissolva na consciência, quer a consciência no mundo, tragada pela vaga da realidade coletiva, em ambos os casos o narrador se confessa incapaz ou desautorizado a manter-se na posição distanciada e superior do narrador “realista” que projeta um mundo de ilusão a partir da sua posição privilegiada.

Mostra-nos assim que a perspectiva proporcionada pelo texto é o reflexo da arte moderna e a “nova” visão do homem, da realidade e suas precariedades diante disso. O narrador é que direciona o leitor para uma visão perspectívica ou não.

Adorno (2003, p. 55) é muito enfático quando afirma a posição do narrador no romance “contemporâneo” como algo paradoxo, pois “não se pode mais narrar, embora a forma do romance exija a narração”. Afinal, a subjetividade, muitas vezes constante no romance moderno, impede que o narrador permaneça narrando de sua maneira tradicional e o

coloca numa posição que, ou ele participa diretamente ou não tem a necessidade de sua presença.

Portanto, o romance moderno sofre as influências do seu próprio tempo, em que uma sociedade se transforma constantemente, que busca a sua essência em meio ao desconhecido, seja do mundo ou do próprio eu, é o desejo metafísico citado por Goldmann (1976) e Adorno (2003). Diante disso, veremos o narrador do romance *A estrela sobe* finalizar o romance dizendo que “perdeu” a personagem *Leniza* e espera que alguém a encontre e cuide dela, já que ele não o fará mais, bem como conheceremos a própria *Leniza* que se mostra a heroína do seu próprio tempo, apesar de problemática, pois ela desafia os modos e comportamentos ditados pela sociedade para a mulher.

3 *Leniza* “a mulher” e não somente um sexo feminino

Não se nasce mulher, torna-se mulher.
(Beauvoir)

O romance *A estrela sobe*, de Marques Rabelo, conta-nos a história de *Leniza* uma jovem carioca filha de *dona Manuela* e de *Seu Martin*, esse falecera logo deixando a menina órfã de pai. Após ficar viúva, *dona Manuela* se muda com a filha para morar na pensão de uma amiga na *Ladeira da Saúde*, onde teve que sobreviver através de trabalhos domésticos, lavando e passando roupa para os hóspedes da pensão.

Leniza cresceu na pensão em meio aos hóspedes homens que não tinham pudor, tendo a jovem algumas vezes os visualizado tomando banho, trocando de roupa, entre outras ações. *Leniza* sempre se demonstrou à frente do seu tempo e do seu papel de menina/moça/mulher, “*Leniza* desenvolvia-se, forte, saudável, muito bonita. Os olhos eram enormes, muito castanhos. Os seios despontavam precocemente” (REBELO, 2009, p. 12).

A professora da escola pública que *Leniza* frequentava disse uma vez a *dona Manuela* que “a menina era muito inteligente, muito viva, aprendia com muita facilidade, mas tinha um gênio bastante esquisito, inexplicável às vezes” (REBELO, 2009, p. 12). *Leniza* apresentava-se sempre querendo o melhor para si, iniciou trabalhando em uma fábrica de balas, depois de ser assediada e ter recusado o ato, saiu do emprego e foi trabalhar em um laboratório de especialidades farmacêuticas, nesse novo emprego era tratada como empregada e não operária. O trabalho não “era penoso”, “era fastidioso” – palavras da própria *Leniza*.

O sonho dela era ser cantora de rádio e foi, sendo essa realização o seu ápice e seu declínio. Veremos em nossa análise que para alcançar seus objetivos é que essa personagem, através de seus meios e modos utilizados, se diferencia dos estereótipos e comportamentos sugeridos as mulheres.

Ao lermos o romance *A estrela sobe* passamos a conhecer *Leniza* e nos perguntamos logo quem é essa mulher que se diz tão independente, que vive tantos romances, que busca sempre “subir”, “ser estrela” na vida. Em certo momento ao se definir a personagem diz “Eu sou fingida, Mário. Se não fosse fingida estaria tudo perdido” (REBELO, 2009, p. 62), isso ao homem com quem ela teve um relacionamento para tirar vantagens e ser cantora de rádio.

Em outra ocasião, em conversa com *Oliveira*, ele diz para *Leniza*:

– Leniza, você não é louca, nada louca. Nenhum louco se acha louco... Mas é incompreensível, sem controle, sem direção, disparatada. Tudo em você é contraditório, inconsequente, ilógico, absurdo. Sente que está sendo ilógica, inconsequente, absurda, mas não se importa, não se trava – quer falar, quer se abrir, quer se esvaziar como um alívio: - Qual o motivo de você recusar presentes meus, e aceitar beijos de qualquer desconhecido? (Ela levantou para ele os olhos vermelhos, molhados, numa pergunta). Eu sei de tudo, Leniza. Eu me informei bem, Leniza. Sei toda a sua vida, tão bem como você mesmo”. (REBELO, 2009, pp. 43-44)

Nesses dois momentos podemos perceber uma mulher que não só admite que não é honesta com os outros, como também foge dos padrões, dos estereótipos femininos propostos pela sociedade. Ximenes (2009, p. 57) ressalta que a sociedade exigia (será que ainda não exige?) que a mulher “fosse delicada e melancólica. O centro das atenções passara da vida real para um mundo de fantasias inspiradas nos estilos cavaleirescos medievais dos contos de fadas”.

Tais características “delicada” e “melancólica” não são tão presentes na história de *Leniza*, ela só se apresenta assim quando a convém, caso contrário, ela se faz de mulher decidida, “dona de si” e busca os seus objetivos, independentes dos meios utilizados para conquistá-los.

O comportamento de *Leniza* nos mostra como uma mulher sem pudor em muitas situações, além de ter tido vários casos, com homens e uma mulher *Dulce*, ela também demonstrava desdém a instituição do casamento, fosse para ela se casar, fosse para ela ter pudor com quem era casado. Em conversa com *Mário*, que era casado, *Leniza* diz:

Para que esconder aquilo que, mais tarde ou mais cedo, eu viria a saber? Chega a ser besteira. E esconder logo o quê? A aliança! Ser casado, por acaso, é pecado? [...] - Dispensando explicações. Não estou pedindo nenhuma. Só disse que você poderia ter dito que era casado [...] Pensava que isto impediria alguma coisa da minha parte? Absolutamente. Casamento não me interessa. Nem o meu, quanto mais o dos outros. Não me interessa, nem me impede. Sou livre. Ponho e disponho da minha vida. Se der mau resultado, pior para mim. (REBELO, 2009, pp. 71-72)

Quando *Oliveira* propunha casamento ela respondia, “- Você quer casar, não é? [...] – Não sei o que quero, *Oliveira*. Sei é que não quero o que você me tem proposto” (REBELO, 2009, p. 32), bem como “você, *Leniza*, é mesmo uma charada. Você irrita, facilita, mas não consente tudo. Não quer. Também não quer casar, não é?” (REBELO, 2009, p. 34). *Leniza* se negava ao casamento, não por falta de amor a alguém para esse ato, mas, talvez, por se amar tanto, por sonhar muito e não querer se desvencilhar do que ela dizia ser a sua “liberdade”.

As mulheres que optavam pela solteirice não eram bem vistas, pois esta conduta apontava para uma lastimável condição de reprovação e desconfiança. A mulher, quando criança, estava na proteção de seus pais no seio da família e, quando adulta, estaria na segurança e obediência ao marido. (XIMENES, 2009, p. 38)

Dessa maneira, mais uma vez nos deparamos com uma *Leniza* que é o oposto do estereótipo feminino, que opta pela solteirice, pela não obediência a qualquer homem, e como bem colocara Ximenes (2009), essa opção fazia com que *Leniza* fosse ainda mais mal vista. Bassanezi (2008, p. 609) ressalta que “ser mãe, esposa e dona de casa era considerada o destino natural das mulheres [...] Maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina”. Tal essência que *Leniza*, através de modos, hábitos e comportamentos, não apresentava.

Leniza também não queria ser mãe, a maternidade era um dos seus maiores temores “- Tenho medo de um filho.” (REBELO, 2009, p. 98). Quando engravidou de *Amaro* ela optou logo pelo o aborto. “*Leniza* fechou os olhos, fechou-os para não ver qual seria a expressão de *Oliveira*, e disse:- O aborto.” (REBELO, 2009, p. 194). A atitude dela em não querer casar e ter filhos demonstra, mais uma vez, a sua negação a vida predestinada às mulheres, em que o casamento e a maternidade eram o seu futuro promissor. Para a personagem o seu futuro era ser uma “estrela”, fazer sucesso como cantora de rádio.

A vontade de *Leniza* de ser “estrela”, de “subir” na vida através da música era tanta, que ela não media esforços e meios para isso. Quando já era cantora de rádio, e residindo em um apartamento de um bairro mais nobre, e não mais na pensão da *Ladeira da Saúde*, *Leniza*,

já acostumada com o “salto” que a sua vida deu, não queria mais voltar às misérias de antes, e ao encontrar-se com problemas financeiros, fez uma proposta a *Porto*:

- Você está livre, Porto?
- Livre como?
- Sem compromisso com alguma mulher.
- Felizmente...
- Você me acha cara por seiscentos mil-réis por mês, durante um mês?
- Como?! – fez ele surpreso.
- Quero ser tua durante um mês. Um mês só. Enquanto o bestalhão do Amaro não volta. Acha caro?
- Não. Barato. Baratíssimo – (estava assombrado!).
- Pois sou tua. (REBELO, 2009, p. 168)

Leniza traz um pouco das características de *Fausto* de Goethe. Ela é *Sonhadora* (sonha em ser cantora de rádio), *Amadora* (apresenta resquícios de um sentimento por Oliveira e Porto) e *Fomentadora* (“sobe” e “desce” na vida, quer sempre mais). “Precisava subir e por isso se entregava à-toa, como coisa morta e sem ânimo.” (REBELO, 2009, p. 163).

Além do romance com *Astério* (seu primeiro namorado), *Oliveira* (com quem teve idas e vindas durante a narrativa), *Mário* (que ajudou a *Leniza* a cantar e se “empregar” na rádio e que em troca teve a jovem em seus braços, incluindo a sua virgindade), *Dulce* (um caso lésbico que proporcionava a *Leniza* vantagens no meio artístico e financeiro) e *Porto* (um dos coordenadores da rádio em que *Leniza* trabalhava e com quem viveu uma relação afetuosa). *Leniza* se envolveu com o *velho Amaro*, homem rico que “dava-lhe inteira liberdade. O que tinha era uma indisfarçável vaidade da sua presença em público ao lado dela. Lia-se no olhar, brilhante, baboso, lia-se nos seus gestos e na sua atitude, na maneira de falar, o orgulho de tê-la amante” (REBELO, 2009, p. 184).

Ambos tiravam proveito da situação, *Leniza* por obter uma ajuda financeira para manter a sua “nova vida”, já que a rádio não lhe proporcionava muito, e *Amaro* por ter ao seu lado uma linda jovem mulher como *Leniza*. Ximenes (2009, p.35) fala sobre os modos da mulher para o benefício do homem, “as boas maneiras da mulher junto à sua maneira de vestir, de produzir uma determinada aparência, deveria ser exteriorizada. Isso somava pontos para que o homem, em situações sociais, fizesse promoção pessoal perante a sociedade”. E era isso que *Amaro* fazia, usava a imagem de *Leniza* para o seu *status* social.

Conhecemos essa “mulher” através do narrador que a traduz de maneira peculiar, que descreve a personagem a partir dos modos da própria *Leniza* ou por meio do que os demais

personagens falam sobre ela. Ele mantém-se o mais distante da história até não aguentá-la mais, até perceber que ele não pode mais cuidar da história de *Leniza*.

É o narrador que “pinta” a imagem de *Leniza*, ao mesmo tempo em que admite, assim como os demais personagens, que não sabe o que ela quer, o que ela fará, ou até mesmo o que será dela. Sobre isso Rosenfeld (1996, p. 93) afirma que

Em muitos romances de transição o próprio narrador começa a ironizar a sua perspectiva ainda convencional. Chega mesmo a desculpar-se por saber tanto a respeito de personagens de que não pode conhecer as emoções e a biografia mais íntimas.

Encontramos o narrador do romance *A estrela sobe* assim, admitindo que conclui a história de *Leniza* esperando que

‘tribulação e trevas, desmaio e angústia, e obscuridade’, aqui termino a história de *Leniza*. Não a abandonei, mas, como romancista, perdi-a. Fico, porém, quantas vezes, pensando nessa pobre alma tão fraca e miserável quanto a minha. Temo: que será dela, no inevitável balanço da vida, se não descer do céu uma luz que ilumine o outro lado das suas vaidades? (REBELO, 2009, p. 222).

O romance de Marques Rebelo ora analisado é o típico romance moderno que não se sente na obrigação de dar um final à história, ele fica nesse jeito inacabado, como se algo fosse acontecer com *Leniza*, mas algo que não sabemos o que será, quem acolherá agora.

Conhecemos o passado de *Leniza*, as suas origens, para depois nos depararmos com a “moça já formada” indo às festas e instigando os homens. A cronologia da história é ditada pelas escolhas de *Leniza*, pelo que ela decide para a vida dela, os atos que ela comete. Bakhtin (1998, p. 411) afirma ao falar sobre o gênero romance que “o presente é algo de transitório, fluente, é uma espécie de eterno prolongamento, sem começo e nem fim; ele é desprovido de uma conclusão autêntica e, por conseguinte, de substância”.

Portanto, o romance *A estrela sobe*, de Marques Rebelo, nos faz conhecer, por intermédio do narrador e demais personagens, a *Leniza*. Temos as descrições dos modos, hábitos e comportamentos dela pelo que eles revelam. E são por meio dessas revelações que concluímos que *Leniza* é “a mulher” e não somente um “sexo feminino” desse romance, ela “quebra” aquilo que chamamos de imagem estereotipada que Ximenes (2009) e Bassanezi (2008) colocam que eram o modelo de mulher esperado pelo o homem e pela sociedade. Assim, no romance em que o cenário é o Rio de Janeiro “moderno”, vivenciando as “ondas do rádio” analisamos a figura da mulher do romance moderno, analisamos *Leniza*.

4 Conclusão

O romance *A estrela sobe*, de Marques Rebelo, mostrou-nos *Leniza* e seu desvencilho com a imagem da mulher “comportada”, cheia de modos e pudores que a sociedade exigia, daquela cujo sexo feminino a predestinava a casar e a ser mãe.

Nosso objetivo com esse trabalho não era de nos aprofundarmos nos estudos feministas ou dizer o que é correto à mulher ser e/ou fazer. Nosso intuito era através desse romance, tido como moderno brasileiro, em que a história acontece no ambiente carioca, em meio a “modernidade” que já se difundia na cidade e o rádio como meio de comunicação e glamour da época, era conhecermos *Leniza* e analisá-la.

O narrador da obra analisada apresentou-nos a “pintura” da cidade do Rio de Janeiro, mas, principalmente, a imagem da personagem *Leniza*, mostrando-nos os modos, hábitos e comportamentos da jovem. Foi o narrador que nos guiou, fosse por meio da própria *Leniza*, fosse pelos demais personagens.

Portanto, concluímos que a narrativa analisada traz em sua estrutura características que Bakhtin (1998), Rosenfeld (1996) e Goldemann (1976) colocam sobre o gênero romance e o narrador do romance moderno, bem como pudemos perceber a personagem *Leniza* como “a mulher” e não somente um “sexo feminino” que segue os estereótipos impostos pela sociedade, os princípios patriarcais, como nos foi apresentado por Ximenes (2009) e Bassanezi (2008). Por fim, consideramos que o romance de Marques Rebelo apresenta várias perspectivas para análises, no entanto, enfocamos somente na vertente ora analisada.

Referências

ADORNO, T. W. **Notas de literatura**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética** (A Teoria do Romance). 4 ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 607-639.

GOLDMANN, L. **Sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

REBELO, M. **A estrela sobe**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

ROSENFELD, A. Reflexões sobre o romance moderno. In: **Crítica: Texto/contexto**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996, pp. 75-97.

XIMENES, M. A. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX**. São Paulo: Estações das Letras e Cores, 2009.

Data de recebimento: 30 de setembro de 2013.

Data de aceite: 10 de dezembro de 2013.